

# BIRRA X CRISE NO TEA: COMO DIFERENCIAR?

25 de fev de 2018

Você sabe diferenciar birra de uma crise na criança com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

Realmente, ambas as circunstâncias podem parecer em primeira instância muito similares. Por isso, compreender essas situações é um importante passo para saber como conduzir a criança e, assim, fazer o manejo mais adequado em resposta a cada uma delas.

Em linhas gerais, a chamada “birra” é comportamental e consiste numa explosão desencadeada por uma frustração. Já a crise é um colapso decorrente de uma sobrecarga sensorial.

## Vamos entender melhor cada uma delas:

A birra é um recurso que a criança utiliza para chamar a atenção ou para conseguir alguma coisa que deseja de seus pais ou cuidadores (sejam eles da família ou não – como professores na escola, por exemplo). Costuma ocorrer quando é negado a ela. Portanto, trata-se de uma espécie de “estratégia” para que uma situação se reverta em favor dela.

Chorar, se debater no chão, gritar são alguns desses mecanismos característicos da birra. Outro aspecto comum da birra é que geralmente ela persistirá se a criança ganhar atenção pelo seu comportamento, mas diminuirá quando ignorado. Quando a birra ocorre e os pais “cedem” às explosões das crianças, elas podem repetir o comportamento na próxima vez em que lhes for negado o que querem.

Para tentar resolver a situação, procure demonstrar empatia pela suposta necessidade da criança, sem ceder à sua decisão (caso ela seja uma resposta negativa ao desejo que foi manifestado). [É possível prevenir a birra e evitar que desencadeie um quadro de irritabilidade](#) (ou mesmo de uma crise) lançando mão de ações como aquelas baseadas no método conhecido como [Análise Comportamental Aplicada \(ABA\)](#).

Já a crise no TEA, também conhecida como “colapso”, costuma ocorrer quando a criança com TEA é exposta a estímulos sensoriais com os quais ela não consegue lidar. Pode ser desde um ruído, até luzes, vozes ou mesmo uma mudança na rotina a qual ela esteja habituada.

O colapso é uma tentativa desencadeada pelo organismo da criança com o objetivo de reestabelecer o equilíbrio, estabilizando as emoções.

## O que fazer nesse caso?

Diferentemente da birra, a crise tende a cessar após um desgaste emocional – o que nem sempre é a melhor resposta, dado a exaustão que pode ser gerada na criança.

O ideal para acalmar a criança é afastá-la da fonte de estímulos e/ou propor atividades das quais ela goste. São atitudes que poderão redirecionar o foco dela tirando-a da crise.

Um dos recursos que podem auxiliar a acalmar a criança é identificar os gatilhos que precedem uma crise. Essa estratégia pode ajudar a evitar o episódio ou a manejá-lo de uma melhor maneira.

Procure ficar atento. Mapeie os sinais e compartilhe suas percepções com a equipe multiprofissional que acompanha a criança para que juntos possam encontrar os recursos ideais para gerir cada uma delas, seja uma birra, seja uma crise.

Também pode ser bem-vindo conversar com a criança, caso haja essa possibilidade. Ouvi-la e compreender o que está gerando determinada ansiedade pode ser um caminho positivo para que encontrem uma solução. Às vezes, o que ela precisa é de um abraço, um carinho ou mesmo, que brinquem com ela.

Lembre-se: procure sempre oferecer ao autista uma atmosfera de segurança e tranquilidade, para que ele consiga se sentir reconfortado e regule seus sentidos e emoções.

## Referências:

Bennie, Maureen. Tantrum vs Autistic Meltdown: What Is The Difference? Autism Awareness Centre. Disponível em <https://autismawarenesscentre.com/what-is-the-difference-between-a-tantrum-and-an-autistic-meltdown/> Acessado em 23 de fevereiro de 2018.

Morin, Amanda. The Difference Between Tantrums and Sensory Meltdowns. Understood.org. Disponível em <https://www.understood.org/en/learning-attention-issues/child-learning-disabilities/sensory-processing-issues/the-difference-between-tantrums-and-sensory-meltdowns> Acessado em 22 de fevereiro de 2018.

Wise, Rachel. How to Handle Temper Tantrums (Home & School). Education and Behavior. Disponível em <http://www.educationandbehavior.com/how-to-handle-a-temper-tantrum/> Acessado em 24 de fevereiro de 2018.

## COMPORTAMENTO AGRESSIVO NO TEA: VOCÊ SABE COMO AGIR?

5 de jan de 2018



Quando falamos sobre comportamentos ligados ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), um dos que costuma gerar preocupação é a agressividade. Embora essa não seja uma atitude exclusiva do autismo, estudos indicam que as taxas de episódios de agressão podem ser mais comuns em indivíduos no espectro, em comparação com aqueles que possuem outros déficits de desenvolvimento decorrentes de distúrbios neurológicos.

Morder, chutar, bater, arremessar objetos ou mesmo agredir com palavras as pessoas ao redor (ou a si mesmo), podem caracterizar a manifestação de uma atitude ofensiva. Seja ela verbal ou física, é preciso saber o que fazer para lidar com a circunstância, que pode ser desafiadora tanto para a autista quanto para seus pais e cuidadores.

Na vida da criança com TEA esse comportamento pode ocasionar redução da qualidade de vida, aumento do nível de estresse e menor disponibilidade de suporte educacional e social. Por isso, é importante os pais e cuidadores reconhecerem os sinais de alerta que precedem o comportamento agressivo, para que eles possam tentar técnicas para restringi-lo ou reduzir o nível de hostilidade. Idealmente, o médico deve avaliar o comportamento e, ainda, excluir outras condições que possam estar contribuindo um episódio agressivo, como depressão ou epilepsia. A partir daí, será possível determinar quais intervenções podem ajudar, conforme a necessidade apresentada.

Para prevenir e tratar um quadro de irritabilidade, é indicado lançar mão de ações baseadas no método conhecido como análise comportamental aplicada (ABA). Outra possibilidade terapêutica de manejo é o chamado treinamento de comunicação funcional (TCF), que envolve ensinar a criança com espectro a se manifestar pacífica e adequadamente, quando ela quer atenção ou algum objeto, ou até mesmo não deseja realizar determinada atividade que é proposta a ela. Por exemplo, ensinar uma criança a tocar uma foto de sua mãe para pedir sua atenção, em vez de bater ou arremessar algo para ter sua solicitação atendida.

Seja qual for a conduta, o objetivo é reforçar os comportamentos positivos e diminuir o comportamento negativo, o que pode ajudar o seu filho a aprender a agir de forma adequada em situações sociais. Tratamentos farmacológicos também podem ser benéficos na redução de frequência e intensidade das agressões.

Conhecimento, compreensão, prevenção e acolhimento diante de uma atitude agressiva são fundamentais para que haja êxito nas intervenções comportamentais e medicamentosas. Com esse conjunto de medidas – que deve envolver a família e a equipe multidisciplinar – há uma boa chance de que a situação possa ser evitada e/ou controlada, possibilitando que haja uma melhor qualidade de vida para seu filho e para aqueles que estiverem junto a ele como seus cuidadores.

### Referências

Autism Speaks. My child is sometimes aggressive – what can help?. Disponível em <https://www.autismspeaks.org/node/110031> Acessado em 03 de janeiro de 2018.

Fitzpatrick SE, Srivorakiat L, Wink LK, Pedapati EV, Erickson CA. Aggression in autism spectrum disorder: presentation and treatment options. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*. 2016;12:1525-1538. doi:10.2147/NDT.S84585. Disponível em < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4922773/> > Acessado em 02 de janeiro de 2018.

Hill AP, Zuckerman KE, Hagen AD, et al. Aggressive Behavior Problems in Children with Autism Spectrum Disorders: Prevalence and Correlates in a Large Clinical Sample. *Research in autism spectrum disorders*. 2014;8(9):1121-1133. doi:10.1016/j.rasd.2014.05.006. Disponível em < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4160737/> > Acessado em 04 de janeiro de 2018.

# APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS AUTISTAS (ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO): COMO VENCER DESAFIOS

1 de nov de 2017



A aprendizagem escolar é uma das etapas que podem integrar o processo de desenvolvimento da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Por meio do acesso ao ambiente de ensino é esperado que a pessoa no espectro possa aperfeiçoar sua capacidade de integração social, ampliar sua percepção de mundo, além de ter acesso ao conhecimento por meio das aulas regulares do ensino fundamental e médio.

No Brasil, a legislação indica que a pessoa com TEA deve ter acesso à rede regular de ensino. É o que está expresso no [artigo 3º da Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista](#) – “São direitos da pessoa com espectro autista: IV – o acesso à educação e ensino profissionalizante”. E, ainda consta no mesmo documento o seguinte parágrafo: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado”.

É importante que pais e familiares, bem como a pessoa no espectro, tenham acesso à esta informação, para que tenham mais argumentos para lutar por seus direitos. A escola é uma das ferramentas que podem possibilitar ao autista se preparar para a vida com mais independência e adquirir competências que o possibilitem ser elegível a uma oportunidade no mercado de trabalho.

Atualmente, no País, embora haja uma normativa que prevê a inclusão de quem tem TEA no sistema educacional, ainda pode se observar despreparo das instituições de ensino e seus profissionais em integrar e desenvolver os alunos no espectro por meio de uma educação especial – que os possibilite evoluir dentro do programa de ensino que lhes é proposto.

Espera-se que a educação inclusiva seja experimentada na prática e, com isso, haja a inclusão do aluno com TEA tanto no que cabe a assimilar o conteúdo que lhe é apresentado, quanto no que diz respeito à perspectiva de se socializar com os demais alunos, sem se deparar com barreiras de preconceito e exclusão, desenvolvendo assim suas habilidades de convívio, o que pode ser um desafio para o autista.

Estudantes com autismo apresentam diferenças entre si no que cabe à sua capacidade de interação social e muitas vezes têm dificuldade em estabelecer relacionamentos. Estes desafios que têm com a comunicação social não devem ser vistas como falta de interesse ou de vontade, mas sim como um fator a ser desenvolvido com suporte pedagógico. Da mesma forma deve ser conduzido o [comportamento sensorial](#). Portanto, é indicado que a escola se adapte para receber o aluno com autismo e atende-lo em suas necessidades, oferecendo profissionais especializados, que possam promover esta integração e sejam facilitadores do acesso ao ensino.

O processo de inclusão no ensino regular requer atenção não apenas dos professores, psicopedagogos e demais membros da escola, mas também da família e do grupo de profissionais que acompanham o autista. Juntos, poderão encontrar os mecanismos que possibilitarão auxiliar o autista a alcançar êxito no desenvolvimento cognitivo e interpessoal no ambiente escolar.

O aproveitamento escolar da criança com TEA está condicionado aos recursos que os professores irão lançar mão para despertar seu envolvimento com as atividades de ensino a ele apresentadas. O educador precisa ter ciência de que o processo de aprendizagem com esta criança demandará tempo, constância e recursos didáticos que prendam a atenção do autista, visto que o déficit de atenção é uma das fragilidades decorrentes do distúrbio. É possível lançar mão de atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos que possibilitem interação social – uma das partes mais afetadas em quem tem TEA – e estímulos de raciocínio e motores.

Seja no ensino público ou privado, o importante é que a pessoa com autismo esteja integrada no meio ao qual foi lhe proposta inserção. Outro aspecto é que se o conceito de “inclusão” não pode se limitar ao fato de inserir o autista na sala de aula e colocá-lo em todas as atividades propostas, mas sim o ambiente bem como as ações devem ser adaptadas às necessidades individuais destes estudantes com TEA.

As escolas precisam ter o cuidado de não correr o risco de uma generalização no trato com o autista, pois os alunos com autismo podem ser tão diferentes uns dos outros quanto qualquer outro aluno. Pontos como investir em capacitação de pessoal e melhorar as condições de ensino para os alunos com TEA também são fundamentais para alcançar um bom desempenho deste grupo de estudantes.

De acordo com levantamentos feitos pela Autism Cooperative Research Centre Australian Autism Educational Needs Analysis (ASD-ENA) – a chamada conexão escolar pode ser o instrumento que atua em prol da aceitação, respeito e apoio entre alunos num ambiente escolar. Segundo a instituição australiana, a conexão da escola é tão importante para os alunos no espectro do autismo como para os demais (neurotípicos).

As principais recomendações apresentadas pela ASD-ENA centram-se em uma série de questões, que incluem:

- O uso da tecnologia para apoiar as necessidades acadêmicas e de aprendizado dos estudantes
- Apoio às necessidades da função executiva dos alunos (por exemplo, planejamento, organização, habilidades de gerenciamento de tempo) para poder fornecer apoio individualizado dentro e fora da sala de aula quando necessário
- Suporte adicional quando a escrita manual for necessária para completar uma tarefa.
- Atenção e suporte à criança quando exposta aos estímulos sensoriais presentes no ambiente (ruídos, luzes, odor e etc.)

Um dos métodos baseados em evidências científicas que podem ser utilizados pelas escolas é a Análise de Comportamento Aplicada (ABA). Esta pode ser uma ferramenta importante não só a gerenciar os desafios sociais e sensoriais do ambiente escolar, mas também o estresse e a ansiedade que eles podem experimentar neste espaço de ensino. [Confira informações sobre este conceito aqui no site.](#)

#### Você sabia?

De acordo com o Censo Escolar estima-se que mais de 698 mil estudantes especiais estavam matriculados em classes comuns em 2014. Entre este grupo estão incluídas pessoas com TEA.

Leia também:

[Conheça opções terapêuticas para o TEA](#)

#### Referências:

Da redação. Autismo e escola: os desafios e a necessidade da inclusão. Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>> Acessado em 26 de outubro de 2017.

Governo do Brasil. Dados do Censo Escolar indicam aumento de matrícula de alunos com deficiência. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia> Acessado em 27 de outubro de 2017.

Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasil. Governo Federal. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html> Acessado em 24 de outubro de 2017.

Ministry of Education Teaching Students with Autism. A Resource Guide for Schools. British Columbia. Disponível em <https://www2.gov.bc.ca/assets/gov/education/kindergarten-to-grade-12/teach/teaching-tools/inclusive/autism.pdf> Acessado em 26 de outubro de 2017.

Saggers, B. School connectedness for students on the autism spectrum

Teacher Magazine. Disponível em <https://www.teachermagazine.com.au/articles/school-connectedness-for-students-on-the-autism-spectrum> Acessado em 27 de outubro de 2017.

[Saggers, Beth, Klug, David, Harper-Hill, Keely](#), Ashburner, Jill, Costley, Debra, Clark, Trevor, Bruck, Susan, Trembath, David, Webster, Amanda A., & [Carrington, Suzanne](#) (2016) *Australian Autism Educational Needs Analysis – What are the needs of schools, parents and students on the autism spectrum?* Cooperative Research Centre for Living with Autism, Brisbane, QLD. Disponível em < <https://www.autismrc.com.au/sites/default/files/inline-files/Educational%20needs%20analysis%20-%20Final%20report.pdf>> Acessado em 27 de outubro de 2017

Supporting students with autism in the classroom: what teachers need to know. The Conversation. Disponível em <http://theconversation.com/supporting-students-with-autism-in-the-classroom-what-teachers-need-to-know-64814> Acessado em 25 de outubro de 2017.

## CONHEÇA AS OPÇÕES TERAPÊUTICAS PARA O TEA

14 de jan de 2017



Após o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é hora de iniciar uma nova etapa: o tratamento.

É por meio da intervenção no desenvolvimento do autista que é possível estimular seu aperfeiçoamento em diferentes competências: sociais, de linguagem, motoras, psicológicas e intelectuais. Com isso é possível reduzir impactos do TEA e ampliar a independência funcional e qualidade de vida do autista.

Entre as perspectivas terapêuticas há a análise comportamental aplicada (ABA), terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia e terapia farmacológica – isto é, com uso de medicamentos se necessário.

As linhas de condutas costumam se balizar num consenso publicado em 2012 ([Autism Spectrum Disorders: Guide to Evidence-based Interventions – The Missouri Autism Guidelines Initiative](#)) – no qual se apresentam diretrizes que indicam intervenções comportamentais e farmacológicas no autismo, reconhecidas com base em evidências científicas:

**Análise Comportamental Aplicada (ABA)** – trata-se de uma abordagem da psicologia comportamental que trabalha para alterar sistematicamente comportamento da pessoa com autismo, incentivando comportamentos positivos, a interação com outras pessoas, ensinando novas habilidades, ampliando a motivação para aprender, entre outros.

**Terapia de fala** – tem por objetivo trabalhar a capacidade de interação do autista com as pessoas por meio do aperfeiçoamento da linguagem falada (verbal), o que possibilita expressar necessidades e vontades com autonomia. Costuma ser aplicada por um fonoaudiólogo, que deve atuar preferencialmente em conjunto com demais profissionais e familiares.

Vale destacar que alguns indivíduos com TEA são não verbais e incapazes de desenvolver habilidades de comunicação verbal. Neste caso passa a ser desenvolvido o uso de gestos, linguagem de sinais e programas de comunicação de imagens como meios de estabelecer comunicação eficaz.

**Terapia Ocupacional (TO)** – focada no aspecto motor do autista, para habilitá-lo a exercer atividades básicas como vestir, escrever, usar uma tesoura, entre outros. Quando bem trabalhada, permite autonomia tanto ao indivíduo com TEA quanto pessoas de seu convívio, como familiares.

**Fisioterapia** – semelhante a terapia ocupacional, porém, uma complementa a outra. Também aperfeiçoa habilidades motoras e auxilia a lidar com aspectos sensoriais, principalmente em relação à percepção do seu corpo no espaço. Basicamente, trabalhará no equilíbrio, o que possibilitará melhorar o andar, sentar, coordenar etc.

**Farmacológica** – aplicada alinhada às demais terapêuticas. Cada caso será analisado pelo médico que acompanha o autista que deverá acompanhar todo o processo medicamentoso para analisar eficácia. Quando necessário, auxilia a controlar irritabilidade e comportamentos agressivos.

Há ainda terapêuticas ditas alternativas (complementares) que não possuem comprovação científica de eficácia. Caso você tenha conhecimento de alguma delas, converse sobre isso com o médico e equipe de profissionais que acompanha o caso. Muitas ainda estão no âmbito da pesquisa e tem se mostrado promissoras num futuro, como a terapia gênica e a chamada terapia celular – que usa células-tronco como ferramenta terapêutica. A prática de exercícios físicos também tem demonstrado resultados positivos, quando integrada às demais terapêuticas.

**Atenção:** Todo este conjunto de condutas terapêuticas para a manutenção e promoção da qualidade de vida da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo só será eficaz se não estiver restrito apenas à responsabilidade da equipe multidisciplinar que o acompanha. É fundamental que a família e demais pessoas que convivem com o autista estejam integradas e interagindo em sinergia em prol do desenvolvimento de seu familiar ou amigo.

Encorajar o autista a seguir em frente por meio do estímulo ao melhor desempenho de suas habilidades, respeitando suas particularidades e limitações, é o caminho mais promissor para o êxito no tratamento.

#### Referências:

[Autism Science Foundation](#)  
[Autism Spectrum Disorders: Guide to Evidence-based Interventions – The Missouri Autism Guidelines Initiative](#)

## ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) E AUTISMO

27 de out de 2017



Você já ouviu falar na ABA? A Análise de Comportamento Aplicada? Trata-se de um método terapêutico que possibilita compreender as ações e habilidades no espectro autista e como elas podem ser influenciadas pelo meio ambiente. Esta forma de intervenção, que já existe há mais de 50 anos, pode contribuir com uma melhora nas interações sociais, aprender novas competências e manter comportamentos positivos.

A ABA tem como objetivo atuar em prol do desenvolvimento do autista – desde a infância à idade adulta – com o uso de técnicas que possibilitem ampliar a capacidade cognitiva, motora, de linguagem e de integração social, procurando reduzir por meio de práticas de repetição e esforço comportamentos negativos que possam causar danos ou interferir no processo de aprendizagem. Esta técnica pode auxiliar no aperfeiçoamento de habilidades básicas, como olhar, ouvir e imitar, ou complexas, como ler, conversar e interagir com o outro.

Nas intervenções da dinâmica da ABA são avaliados determinados dados que possibilitam verificar se o comportamento está mudando na direção esperada e os objetivos estão sendo alcançados. As dinâmicas que compreendem a prática podem ser ministradas em casa, em escolas ou em clínicas especializadas e envolvem até 40 horas por semana de terapia individualizada.

Geralmente as atividades de ABA envolvem os seguintes elementos:

**Gerenciamento de comportamentos:** em caso de comportamento positivo, há uma recompensa como forma de estimular determinada prática. Com esta metodologia, a expectativa é que esta atitude seja repetida posteriormente. E, em alguns casos, se houver comportamento negativo, como meio de inibir tal atitude, pode haver repreensão.

**Ensino de habilidades que estimulem atitudes positivas:** ensinar habilidades que permitem que os indivíduos sejam mais bem-sucedidos e menos dependentes do comportamento problemático que pode gerar atitude negativa para atender às suas necessidades

Idealmente, é indicado que a ABA tenha início antes dos quatro anos de idade, mas pode ser aplicada em outras fases da vida também. De acordo com a *Autism Speaks*, instituição que – entre outras competências – financia pesquisas sobre ABA, a análise de comportamento aplicada é reconhecida como um tratamento seguro e eficaz para o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Como os aspectos que envolvem o TEA são heterogêneos, ou seja, há especificidades de pessoa para pessoa, o ideal é conversar com o médico e a equipe de profissionais que acompanha a criança com TEA para que junto à família possam saber como a ABA poderá auxiliar e, assim, encontrar a terapêutica que melhor se adequa às necessidades individuais do autista e que poderá auxiliar em seu desenvolvimento.

#### Por que ABA pode ser uma boa opção terapêutica?

No artigo “10 motivos pelos quais as crianças com autismo merecem ABA”, publicado na revista *Association for Behavior Analysis International*, a autora e pesquisadora Mary Beth Walsh, do Departamento de Filosofia e Teologia, Caldwell College, elenca algumas das razões – além do olhar da ciência – que atribuem à ABA ser uma boa escolha terapêutica para casos de TEA. Entre os pontos por ela abordados temos:

Crianças com autismo merecem acesso à ABA porque poderá auxiliar seus pais a se tornarem melhores pais para elas – “*Nós, pais de crianças com autismo, temos que trabalhar mais para garantir que nossos filhos aprendam tudo o que puderem, alcancem seu potencial, e quando confiamos na ABA para medir o progresso e orientar o ensino, sabemos que estamos fazendo toda a diferença que podemos*”, relata ela.

As crianças com autismo merecem ABA porque ajudará a ensinar a eles a dormir durante a noite e usar o banheiro – por meio da análise de ABA é possível saber se as orientações provenientes da intervenção dos pais para ensinar como dormir ou usar o banheiro estão no caminho certo. “*Os dados revelaram padrões comportamentais que orientaram nossa intervenção. Os dados nos mostraram o que fazer. Os dados demonstraram que nosso filho tem essa habilidade – uma habilidade muito importante! Ele pode ir ao banheiro independentemente*”, relata a pesquisadora.

As outras razões incluem aspectos como fazer amigos com mais facilidade; aproveitar suas competências já adquiridas; para que possam se tornar mais independentes e estarem preparadas para o dia em que não tiverem mais seus pais ou cuidadores; e para advogarem em defesa de seus direitos.

**Dica de leitura complementar:** para quem se interessar em ler este artigo completo, [acessem aqui](#). O material está em inglês, mas pode ser convertido para o português por meio da tradução automática do Google de seu computador. Embora esteja publicado em uma revista científica, a linguagem é de fácil acesso e traz as percepções com base nas vivências da autora. Vale à pena acessar.

#### Referências

Hieneman M., Gonzalez V, Chan P.. What is ABA therapy now, really?. Autism Support Network. Disponível em <<http://www.autismsupportnetwork.com/news/what-aba-now-really-autism-33299272>> Acessado em 18 de outubro de 2017.

Applied Behavior Analysis (ABA). Autism Speaks. Disponível em <<https://www.autismspeaks.org/what-autism/treatment/applied-behavior-analysis-aba>>

Walsh MB. The Top 10 Reasons Children With Autism Deserve ABA. Behavior Analysis in Practice. 2011;4(1):72-79. doi:10.1007/BF03391777. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3196209/> Acessado em 25 de outubro de 2017.

Hernandez, Purnima et al.. Applied behavior analysis. The Journal of the American Dental Association , Volume 142 , Issue 3 , 281 – 287. Disponível em <[http://jada.ada.org/article/S0002-8177\(14\)62038-9/fulltext](http://jada.ada.org/article/S0002-8177(14)62038-9/fulltext)> Acessado em 18 de outubro de 2017.

Jamie Paction. Is ABA Therapy the Best Choice for Kids with Autism?. Parents.com. Disponível em <http://www.parents.com/health/special-needs-now/is-aba-therapy-the-best-choice-for-kids-with-autism/> > Acessado em 18 de outubro de 2017.

## ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA TRABALHAR EM SALA DE AULA

13 de dez de 2017



O número de crianças diagnosticadas no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) ainda na primeira infância vem aumentando. Estima-se que o autismo atinge 1% da população, 70 milhões de pessoas no mundo conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Destes, 2 milhões estão no Brasil segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diante dessa perspectiva as instituições de ensino devem estar preparadas para atender à essa demanda desde a pré-escola até os demais níveis de ensino do sistema educacional.

A pedagogia pode contribuir com o desenvolvimento de uma criança no espectro. Essa é a área que tem como objetivo promover ações de ensino e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento educacional de crianças nas instituições escolares. O pedagogo pode atuar como professor ou ter atribuições de gestor em uma escola. Em se tratando de educação especial, o pedagogo deverá focar seus esforços em estabelecer estratégias pedagógicas que possibilitem à criança no espectro ter um ambiente proveitoso na escola.

O primeiro passo para promover um bom aproveitamento em sala de aula é a inclusão. O professor tem papel fundamental nesse processo de integração da criança junto aos demais alunos e, também, no que cabe à assimilação do conteúdo educacional proposto. Isso só funcionará se houver suporte adequado, sobretudo porque cada criança com TEA apresenta suas especificidades.

Os professores devem ter em mente também que crianças com TEA costumam apresentar dificuldades em áreas como da comunicação, comportamento, motora, na interação social e na integração sensorial.

Outro ponto essencial é trata-los como crianças que são. Assim, devem ser tratadas como os demais alunos, no que cabe ao interesse por eles e no suporte em suas necessidades.

Entre os recursos pedagógicos que podem ser aplicados, temos:

**Estímulo visual:** uso de cartões com imagens para indicar ao aluno o que propõe uma determinada tarefa ou mesmo para mostrar a mudança de uma atividade para a outra pode auxiliar o aluno com TEA. Por exemplo, se a ação for ligada ao ensino do português ou matemática, você coloca uma imagem/símbolo que corresponda ao assunto, facilitando a assimilação do aluno com autismo.

**Estruturação da rotina:** com o estabelecimento de uma rotina diária para o autista, as atividades serão melhor aproveitadas. Crianças com TEA tendem a resistir à mudanças, portanto, caso haja necessidade, calcular em sala de aula um tempo extra de ensino e condução do autista em caso de atividades ainda não vivenciadas será bem-vindo.

**Suporte para interação social:** sabemos que pessoas no espectro tendem a apresentar dificuldade no campo de interação social. Para facilitar esse processo de integração com os demais colegas é preciso ensinar ao autista maneiras de interagir. Assim, se há algum colega em uma determinada atividade – como no uso de um computador, o autista saberá como agir, pedir licença e aguardar que o aluno saia do aparelho para então utilizá-lo.

**Linguagem simples:** como professores é preciso trabalhar uma comunicação facilitada e assertiva em sala de aula. Crianças com TEA têm dificuldade em ler sinais e gestos não verbais como expressões faciais. Professores muitas vezes tendem a lançar olhares em sala de aula à classe para expressar determinada aprovação ou reprovação sobre algum comportamento, como por exemplo, uma bagunça em classe. No caso da criança com TEA o recomendado é conversar diretamente com o autista e esclarecer o que se espera.

Estabeleça diálogo simples e direcione: mantenha uma dinâmica simples e direta para expressar determinadas instruções orais. Utilize de palavras-chave como “primeiro, faça isso. Depois, faça aquilo. Esse direcionamento curto e objetivo será melhor assimilado pela criança no espectro.

**Atividades sensoriais:** a sensibilidade aos estímulos sensoriais – como a luz fluorescente da sala – podem ser extremamente desafiadoras para a criança com TEA. Em sala de aula isso deve e pode ser trabalhado. Utilizar de estratégias como estabelecer pausas na rotina de aula para que a criança faça atividades que contribuam para trabalhar o estresse – como brincar, podem auxiliar a reduzir a tensão decorrente das limitações sensoriais.

**Estabeleça pausas:** caso a criança com TEA esteja demonstrando inquietação, faça uma pausa. Muitas vezes, passar um tempo distante da atividade que realizavam e depois retomar de onde parou é o suficiente para a criança se acalmar. Escolha algum local da sala de aula que possa ser esse ponto de “descanso”.

**Uso de tecnologia:** Atualmente, a tecnologia vem sendo considerada uma ferramenta poderosa para desenvolver as habilidades da criança e ser um facilitador de aprendizagem em sala de aula. Ferramentas da chamada “realidade aumentada” já têm sido desenvolvidas direcionadas às especificidades desse público. Em breve abordaremos esse tema aqui no site.

**Converse com os pais:** os pais das crianças com TEA geralmente são os mais bem instruídos em se tratando de atender às necessidades e desenvolver habilidades de seus filhos. Converse com os pais para que possa ter informações necessárias para estabelecer uma melhor rotina em sala de aula, bem como compreender o que está por trás de determinados comportamentos do autista.

É importante compreender que pedagogia para crianças com TEA pode variar entre as escolas. Existem várias abordagens diferentes para o planejamento de um currículo apropriado. Ao escolher uma instituição de ensino para seu filho (a) procure conhecer a filosofia da escola e saber se ela está apta a atender uma criança no espectro, lembrando que o plano de trabalho é individual, não existem uma regra, já que cada indivíduo no espectro é único.

#### Referências:

Kim Greene. Teaching Students with Autism Spectrum Disorder. Disponível em <https://www.scholastic.com/teachers/articles/teaching-content/teaching-students-autism-spectrum-disorder/> Acessado em 4 de dezembro de 2017.

O que faz um pedagogo? Guia da Carreira. Disponível em <http://www.guiadacarreira.com.br/carreira/o-que-faz-um-pedagogo/> Acessado em 4 de dezembro de 2017.

Pedagogy for inclusion. Asdin Schools. Disponível em <http://www.asdinschools.org.nz/School-policies-and-practices/Evolving-inclusive-practices/Pedagogy-for-inclusion> Acessado em 4 de dezembro de 2017.

Training materials for teachers of learners with severe, profound and complex learning difficulties. Complex needs. Disponível em <http://complexneeds.org.uk/> Acessado em 4 de dezembro de 2017

Arkit and autismo new futures. Autism Pedagogy blog. Disponível em <http://www.autismpedagogy.com/blog/2017/8/4/arkit-and-autism-new-futures> Acessado em 5 de dezembro de 2017.

## COMPARTILHAR: COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE DIVIDIR EM CRIANÇAS COM TEA

9 de fev de 2018



Compartilhar pode ser uma atitude difícil, especialmente na infância. A maioria das crianças, estejam elas no espectro do autismo ou sejam elas neurotípicas – precisam de prática e suporte para desenvolver essa habilidade.

Nos primeiros anos de vida as crianças não costumam pensar sobre o sentimento das outras. Em geral, raramente são capazes de conseguir dividir seus pertences espontaneamente, com menos de seis anos de idade.

Trata-se de um comportamento normal. Faz parte do desenvolvimento de consciência da criança o que chamamos de “posse”. Quando pequenas elas se preocupam com seus brinquedos, suas coisas, seu “mundo”. Na medida em que crescem e começam a brincar e a conviverem entre si, passam a partilhar seus pertences naturalmente.

No caso das crianças com autismo pode ser que haja maior resistência em compartilhar. A interação social é um dos limitantes característicos do transtorno. Assim como uma criança que não esteja no espectro, o melhor a fazer é não forçá-la. Em vez disso, crie atitudes e um ambiente que incentive seu filho a querer ceder ao outro algum de seus brinquedos espontaneamente. Compartilhar implica empatia. Para você, eles podem ser apenas brinquedos. Para a criança, pode ter um valor muito maior como apego, estímulo e segurança por exemplo.

Pense no seguinte: imagine você sendo obrigado a emprestar uma roupa da qual gosta muito. Você certamente não se sentiria confortável em fazer isso. Da mesma forma é para criança. Portanto, deve se respeitar a decisão dela em não dividir. Até porque muitas vezes o objeto em questão que se deseja partilhar pode ser justamente aquele que conforta seu filho e tirá-lo de seu controle pode desencadear um desequilíbrio emocional, gerando ansiedade.

Como desenvolver essa habilidade em seu filho? A chave é ir com calma. Observe como ele costuma interagir quando está junto à outras crianças. Conheça seu comportamento. Com base nessa análise, você poderá ensiná-lo sobre os valores que há em compartilhar. Crie oportunidades para que você possa exercitar na prática com ele essa atitude quando estiverem juntos. Procure ser o exemplo que ele precisa, dividindo com ele seus objetos e reforçando essa atitude verbalmente ou através de imagens. O importante é seguir uma dinâmica mais próxima daquela que se conecta com mais facilidade à criança no espectro, para que seja possível de ela assimilar em seu repertório o que você está ensinando e se sentir motivada a partilhar e, assim, contribuir com o aperfeiçoamento de suas habilidades de interação social, sempre respeitando suas limitações.

#### Referências:

McCann Sawyer, Lori; Luiselli, James K.; Ricciardi, Joseph N.; Gower, Jennifer L.. Teaching a child with autism to share among peers in an integrated preschool classroom: acquisition, maintenance, and social validation. Disponível em <http://www.freepatentsonline.com/article/Education-Treatment-Children/131753665.html> Acessado em 8 de fevereiro de 2018.

Naber FBA, Bakermans-Kranenburg MJ, van IJzendoorn MH, et al. Play Behavior and Attachment in Toddlers with Autism. Journal of Autism and Developmental Disorders. 2008;38(5):857-866. doi:10.1007/s10803-007-0454-5. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2335292/> Acessado em 7 de fevereiro de 2018.

Raising Children Network. Sharing and learning to share. Disponível em <http://raisingchildren.net.au/articles/sharing.html> Acessado em 7 de fevereiro de 2018.